
A Aula¹

MARIA DA PENHA ESTEVES²

1. Exposição oral realizada no Colóquio "Aula" – Curso de Pedagogia – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade da FUMEC, em 07/10/2002.

2. Professora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade da FUMEC.

Para pensar hoje no educador em tempos de mudanças, busquemos, entre outras, a fala de Andy Hargreaves, que põe no professor a chave última da mudança educativa e do aperfeiçoamento da escola, porque estes não se limitam a transmitir o currículo, mas desenvolvem-no, definem-no, interpretam-no. O que pensam, acreditam e fazem na sala de aula é o que dá forma ao tipo de aprendizagem oferecido aos alunos.

A melhoria do ensino não consiste essencialmente no desenvolvimento de métodos pedagógicos melhores, mas muito mais na formação dos professores em novas competências para a gestão da sala de aula, com aprendizagens ativas e/ou cooperativas. A qualidade, a amplitude e a flexibilidade de seu trabalho na sala de aula estão estreitamente ligados ao seu crescimento profissional e à forma como se desenvolvem como pessoas e profissionais (HARGREAVES, 1998).

Falar de aula, pois, pressupõe estas considerações sobre o professor. Os profissionais que lidam com a Didática hoje já ressignificaram a *aula*, mas esta ainda é um espaço, não o único, da ação do professor. Não podemos negar à sala de aula esse

espaço onde se concretiza a *relação pedagógica*. É uma realidade que contém muitas realidades.

É um espaço mágico de encontros humanos? Espaço político portador de uma história? Lugar em que se encontram *princípios* com belas palavras, duros conflitos? Espaço no qual se cumpre o jogo sutil das seduções afetivas ou endoutrinadoras? Ou muitas dessas coisas juntas? Que lugar é esse, a sala de aula? (NOVASKI, 1996).

Desde a concepção formal que a aponta como “local eleito pela civilização para transmissão do saber”, até a concepção anarquista que a vê como “um picadeiro privilegiado pela sociedade”, estamos refletindo por estes tempos pós-modernos sobre a *aula*.

A intenção desta nossa conversa, deste nosso colóquio, é trazer a reflexão de algumas considerações que nos ajudem a iluminar nossas idéias, clarificando conceitos, e conseqüentemente a influir em nosso agir cotidiano. O importante é que coloquemos nesta conversa nossas vidas, nossos sonhos, nossas denúncias, enfim, é preciso que nos coloquemos, que nos impliquemos nesta discussão.

A sala de aula de hoje está aí, espiada, teorizada, denunciada, anedotizada e até poetizada, mas nós queremos neste exercício levá-la a sério, sem entretanto deixar de lado o aspecto lúdico.

Estarão conosco neste exercício de reconhecimento de diversidade dos espaços da *sala de aula* vários autores, mestres em várias universidades dos países, cada um acenando a seu modo com sua contribuição. Podemos considerar a aula como um momento privilegiado em que se processam o ensino e a aprendizagem, confronto de idéias ente professor e alunos, entre alunos e alunos, busca de maior aprimoramento na apropriação dos conhecimentos, mediante o trabalho com os componentes curriculares – o conteúdo.

Porém, não se reduz a isto, porque se etimologicamente edu-

car significa “levar de um lugar para outro”, está aí uma vivência cuja densidade pode significar um aumento de experiências – o que configura que o fundamento de um processo de ensino-aprendizagem é realmente humano. A aula é, pois, um encontro, e neste há um “mútuo levar de um lugar para o outro”, ou seja, o meu interlocutor me leva para a sua perspectiva, eu o trago para a minha, e assim nossa conversa vai se enriquecendo de informações.

Por isto é uma arte, da qual deve estar de posse todo aquele que quer ensinar-aprender; a de manter-se firme em suas convicções, sem ser dogmático, e respeitoso quanto às convicções alheias, sem ser subserviente (NOVASKI, 1996).

Há, pois, um enriquecimento de aprendizagem, não somente quanto aos conteúdos formais, mas um verdadeiro conhecimento humano. Aprender é conhecer cada vez mais o humano, o mundo humano. Daí derivarão todas as aprendizagens; por isto se diz que o saber precisa ter sabor. É preciso muitas vezes deixar de lado a abordagem técnico-científica e, desarmado, estar simplesmente com o outro.

Se é preciso ver a aula como um encontro de gente com gente, por outro lado é preciso também proteger essa idéia de reducionismos prematuros; o que se propõe é que o professor esteja sempre atento a apelos não verbais para dar um retorno responsável. Sem descurar dos conteúdos, é possível que a sala de aula seja oportunidade ímpar de ultrapassar os conteúdos. Como o filósofo, pergunta-se para que serve uma aula se não for capaz de nos transportar para além da sala de aula? (NOVASKI, 1996).

A reflexão sobre a aula também nos põe diante da questão autoridade x autoritarismo. A discussão do problema da autoridade na sala de aula é um tema contemporâneo, na definição das relações pedagógicas; é preciso resgatar a autoridade do professor, que não se confunde com autoritarismo.

Tem raízes históricas no iluminismo o culto da razão que, esgotada de sua pujança, conduz ao cansaço, gerando o movimento anarquista de crítica à inteligência. Entre todas as aristocracias que oprimiram a sociedade humana, certamente a aristocracia da inteligência é a mais odiosa e opressiva: “Não sabem nada, não compreendem nada, por isso ‘o inteligente’ deve conduzi-los”. No bojo dessa crítica germina uma contestação ao magistério, mas a inteligência lúcida não se perdeu a si mesma e diz: “Vamos, aí está um caminho, vamos comigo, podemos aprender juntos ao longo dele” (MORAIS, 1996).

Pode-se ainda ver na sala de aula o lugar de veiculação do discurso dos oprimidos, compreendendo a aula como um momento da práxis educacional e como mediação do ritual pedagógico. Neste contexto, este é também um momento do processo de libertação. É a partir da concepção educacional historicizadora que a sala de aula será considerada sob vários ângulos, sem entretanto se autonomizar em relação ao processo pedagógico, e este em relação à sociedade.

A sala de aula implica fundamentalmente a relação professor-aluno; nela o professor e seus alunos vivenciam em tempos determinados a complexa trama da existência humana, encaminhados por um tipo de fenômeno educativo. É, pois, a sala de aula uma infinita potencialização do ser humano.

Ainda neste enfoque, é importante referir-se à questão política do trabalho pedagógico e ao discurso contra o poder, que assim se problematiza: a serviço de quem está o saber que circula na sala de aula? É preciso lidar com as contradições de classe, e esse é o espaço disponível para ser trabalhada a superação. Se assim não for, o trabalho pedagógico será opressivo, a-político, a-crítico.

O conceito de sala de aula é assim construído com justificativas fundantes em princípios e expectativas que se situam além de suas possibilidades. A sala de aula é uma via aberta à

veiculação do discurso que faça florescer a consciência crítica, não idealista, mas aquela fundada nas relações concretas. O saber que aí circula, como lugar dinâmico e contraditório, deve ser sistematizado e socializado, possibilitando a todos os alunos sua apropriação adequada. Entretanto, há de se percebê-la como um lugar político que tem limites. A sala de aula é uma parte do todo e como tal pode ser compreendida.

A questão pedagógica é uma questão política, mas esta é muito maior que a sala de aula. Muitas outras visões se aplicam à sala de aula: o lugar da vida, o espaço para o jogo do saber, uma intervenção no real. Porém, o tempo nos leva a ficar apenas nestas considerações, deixando espaço para a reflexão de todos; o debate se instala e não está fechado (Araújo, 1996).

Concluindo, quero ainda fazer uma reflexão: falar de aula nos remete à escola, e aqui lembramos que seria muito bom que todos os educadores lessem, “ruminativamente”, o texto de Rubem Alves, em sua crônica sobre a Escola da Ponte, publicada no “Correio Popular”, de Campinas (18/06/2000). O autor interpreta esse espaço como “aquele que existe quando a criança brinca ao redor da mãe e lhe apresenta um botão. A mãe ri e lhe faz um corrupio. Pega um pedaço de barbante, leva para a mãe. Ela ri e lhe ensina a fazer nós”. O autor então conclui que o importante não é o barbante nem o botão, mas esse espaço lúdico em que se ensina sem que se fale sobre ele.

Acredito que a aula também tem que ser espaço em que se aprende e se se apropria de saberes não compartimentados, contextualizados, espaço cheio de significados e que efetivamente leva os alunos à construção de seus conhecimentos, com ludicidade, alegria.

Para encerrar, lembro aqui da parábola de Walter Benjamim, sobre um velho que está no momento da morte e revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado nos seus vinhedos. Pouco tempo depois os filhos põem-se a cavar, mas não desco-

brem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, porém, as vinhas produzem mais que qualquer outra da região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma experiência: “A felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (“experiência e pobreza”) (ZUBEN, 1996).

O sentido da alusão a essa parábola é constatar mais uma vez que o tema “sala de aula” é antiqüíssimo e literalmente “quadrado”, mas precisamos pensá-lo naquilo que ele sugere, esconde, dissimula; a que horizontes nos indica. O tema evoca e provoca; para cada um, esse espaço apresentará muitos significados.

É nesse “espaço de ação” que se desenrolam as articulações e contradições entre o eu e o outro, entre o passado e o futuro, entre a tradição e a revolução, entre a criatividade e o conformismo, entre o diálogo e a imposição, entre a difusão de idéias entre pessoas e a infusão de idéias sobre as pessoas. “A sala de aula deve ser pensada como árduo caminho que conduz da angústia do labirinto à fundação da liberdade.” (ZUBEN, 1996, p. 129).

Referência Bibliográfica

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papyrus, 2001.

ARAÚJO, José Carlos Soares. Sala de aula ou o lugar da veiculação do discurso dos oprimidos. In: MORAIS REGIS DE (Org.) *Sala de aula que espaço é esse?* Campinas: Papyrus, 1996.

BARTHES, Roland. *Aula*. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

HARGREAVES, Andy. *Professores em tempos de mudança*. Rio de Janeiro: Mc Grow Hill, 1998.

LIBÂNEO, J. Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1988.

MORAIS, REGIS DE (Org.) *Sala de aula que espaço é esse?* Campinas: Papyrus, 1996.

NOVASKI, Augusto João Creme. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. In: MORAIS, Regis de (Org.) *A sala de aula, que espaço é esse?* Campinas: Papyrus, 1996.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Sala de aula: da angústia de labirinto à fundação da liberdade. In: MORAIS, Regis de (Org.) *Sala de aula que espaço é esse?* Campinas: Papyrus, 1996.

Resumo

A AULA

O texto aborda as várias acepções em que está sendo discutida a aula: o espaço onde se concretiza a relação pedagógica, o espaço político, o espaço de conflitos, sedução e poder. É o momento em que se processam o ensino e a aprendizagem, onde se dá o confronto de idéias entre alunos x professores e alunos x alunos. Aí também é onde ocorre a apropriação dos conhecimentos sobre o mundo, sobre o homem e sobre a vida. Trata-se de um tema antigo e literalmente 'quadrado' mas, que deve ser pensado em termos do que esconde e do que dissimula. Esse tema evoca e provoca.... para cada um seus próprios significados.

Palavras-chave: Aula; aprendizagem; espaço; poder; autoridade; ação

Abstract

THE CLASS

The text deals with the several views under which the class has been discussed: the space where the pedagogical relationship takes place, the political space, which is a place of conflict, seduction and power. It is the moment in which teaching and learning happen, when occurs the confrontation of ideas between students x teachers and students x students. Also, it is where knowledge about the world, mankind and life is gained. It represents an old and literally "old fashioned" theme, but it must be analyzed in terms of what it hides and dissimulates. Such a theme evokes and provokes for each one of its own meanings.

Key Words: Class; Learning; Space; Power; Authority; Action.

Résumé

LE COURS

Ce texte aborde les différentes acceptions du mot cours : lieu où la relation pédagogique se concrétise, lieu politique, lieu de conflits, de la séduction et du pouvoir. Le cours est également le lieu privilégié de l'enseignement et de l'apprentissage. Il est le lieu de la confrontation d'idées entre enseignant et étudiant et des étudiants entre eux.

Dans un cours il y a appropriation du savoir sur le monde, sur l'homme et sur la vie. Ce sujet n'est pas d'aujourd'hui et bien que quelque peu démodé, il doit être pensé dans la dimension du caché et du dissimulé; ce sujet évoque et provoque en chacun ses propres signifiés.

Mots-clés: cours; apprentissage; lieu; pouvoir; autorité; action.